

TRABALHANDO COM PAJENS

*Elvira S. Lima
Fúlvia Rosemberg
Maria M. Malta Campos
Regina P. Pinto*

Da Fundação Carlos Chagas

Em junho de 1982, uma equipe de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, em colaboração com uma equipe técnica da Prefeitura Municipal de Piracicaba, realizou um *Encontro para Profissionais de Creche*, que durante 3 dias, reuniu 43 pajens e 8 técnicas trabalhando em creches no Estado de São Paulo.

A idéia de se divulgar, nesse artigo, essa experiência de sensibilização de pajens originou-se de uma dupla constatação: de um lado, a ausência quase que absoluta de registros sobre experiências equivalentes no país, o que tem dificultado a construção de propostas e práticas visando a formação dessas profissionais; de outro lado, a avaliação do próprio Encontro, na medida em que conseguiu provocar um clima propício à troca de experiências e ao envolvimento das participantes. Se não realizamos um treinamento — provocando modificações comportamentais relativamente estáveis — conseguimos contribuir para a criação de uma experiência de sensibilização, que nos parece ser um momento inicial e indispensável para a adesão de uma pessoa a uma resposta de mudança. Daí o valor de sua divulgação.

Antecedentes

Esse trabalho que realizamos com pajens do Estado de São Paulo constituiu, na verdade, um desdobramento do Encontro Nacional sobre Creches que havíamos organizado, na própria Fundação Carlos Chagas, em setembro de 1981 e que contou com a presença de participantes de todo o Brasil, representando diferentes experiências profissionais, comunitárias e de movimentos de reivindicação¹.

As informações e os depoimentos aí apresentados evidenciaram a existência nas creches de uma situação profissional muito complexa, pouco conhecida e situada na convergência de muitas pressões: a de pajem.

A coordenação do Programa de Educação da Prefeitura de Piracicaba, que participou desse evento, desenvolvia, na época, um programa de creches municipais nos CEPECs — Centros Polivalentes de Educação e Cultura². Atenta à necessidade, e sensível às dificuldades de treinamento de pessoal para seus equipamentos, propôs à equipe da Fundação Carlos Chagas a realização de um Encontro Estadual de Pajens.

Esta proposta coincidia com os objetivos do projeto que desenvolvíamos — “O que se deve saber sobre creches”³ — na medida em que possibilitava, ao mesmo tempo, uma coleta de informações sobre a formação e as condições de trabalho de pajens no Estado de São Paulo, e uma proposta de intervenção junto a essa população.

Neste contexto, a realização de um encontro assumia o caráter de troca, onde cada parte contribuiria com suas possibilidades: de nosso lado, condições materiais e experiência para sua organização; do lado da Prefeitura de Piracicaba, local, infra-estrutura e a experiência de implantação de uma política de atendimento educacional a crianças de 0 a 6 anos; da parte das pajens, um conhecimento sobre condições de trabalho e necessidades baseado em sua experiência concreta, aliado a um potencial, até então ignorado, de mobilização.

Esta abertura para a interação/troca foi um dos poucos pressupostos que orientou a preparação, organização e realização do Encontro. Os outros, que daí decorreram e que foram se revelando à medida em que as decisões iam sendo tomadas, implicaram numa procura de relacionarmos-nos com as pajens como pessoas *inteiras* (e não apenas como “pessoas que cuidam de crianças”), e de valorização de suas experiências *concretas* de vida e de trabalho. Foram, talvez, estes pressupostos os responsáveis pelos acertos do Encontro, e que permitiram gerar um clima onde as pajens puderam evocar seu trabalho — expondo suas aspirações, fragilidades, acertos e dúvidas — na ausência de mecanismos defensivos.

Organização

A realização do Encontro foi antecedida por um intenso trabalho de levantamento de informações sobre as experiências com creches existentes no Estado de São Paulo⁴. Tal levantamento, feito através de visitas, observações em creches e reuniões com técnicos trabalhando em diversas cidades, foi indispensável na medida em que não contamos no Estado com um registro organizado de experiências em desenvolvimento (um cadastro geral de creches, por exemplo), bem como permitiu que o plano do Encontro fosse sendo elaborado progressivamente, ajustando-se a necessidades e possibilidades concretas de cada região. Desse modo, a programação, o formato, e a composição do grupo



participante iam sendo modificados, revistos e ajustados a cada nova visita, observação de creche, ou discussão com os técnicos.

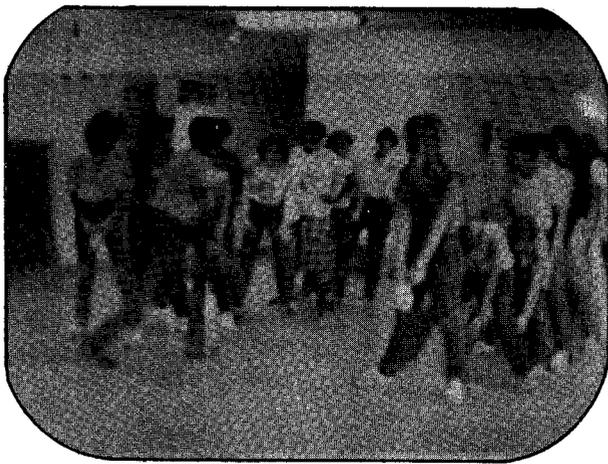
Foi assim que a proposta inicial de um treinamento tradicional — tratando de temas específicos, utilizando procedimentos que privilegiam fala-ativa e escuta-passiva, tipo aula, palestra, painel — foi aos poucos sendo modificada: de treinamento passamos a encontro.

A passagem de treinamento para encontro fez com que se alterasse também a personagem que seria focalizada: contrariamente ao habitualmente esperado que consistiria em focalizar a atenção na criança (objeto do trabalho da pajem), aqui nossa preocupação central foi a pajem. Nosso trabalho consistiu em criar condições — através da acolhida, programação, formato, infra-estrutura oferecida e composição dos grupos — para que as pajens pudessem se exprimir enquanto mulheres e profissionais. Formalmente, o modelo que buscávamos sem nos darmos conta na época, era o de um grupo de reflexão, onde as pajens — apesar de não terem se agrupado espontaneamente mas a partir de nossa iniciativa — teriam possibilidade de comunicar e confrontar suas vivências em atmosfera não culpabilizante percebendo, talvez, sua condição comum. Evidentemente, estas vivências estão ligadas à atuação junto às crianças e, discutindo tais aspectos, possivelmente também seriam atingidas as crianças e a educação que elas recebem na instituição creche.

A proposta de sensibilizar a pajem para sua condição de mulher e de profissional significou escolher estímulos provocadores e procurar na equipe uma postura de “escuta”, atenta e respeitosa, colaborando no processo através de intervenções indiretas. De certa forma, esquivamo-nos, nós técnicas, do primeiro plano, criando condições, atrás dos bastidores, para que ocorresse um clima onde as pajens desempenhassem o papel principal.

Esta concepção do Encontro, integrada às informações que dispúnhamos sobre origem social, formação e instrução das pajens, traduziu-se em alguns princípios que balizaram a tomada de decisões quanto à programação, formato e composição dos grupos:

- as pajens deveriam ter oportunidade de relatar suas experiências e dificuldades;
- seriam abolidas as situações didáticas em que um técnico daria “aula” sobre este ou aquele assunto;
- seria estimulado o fazer ativo, o aprender fazendo, procurando-se abolir situações de escuta-passiva. Para tanto devia-se partir do conhecimento das próprias pajens, objetivando a incorporação de uma postura frente às situações e não à aquisição de algumas técnicas isoladas;
- o material audiovisual, bem como as atividades de expressão não-verbal, na medida do possível, deveriam ser utilizados;
- as participantes deveriam trabalhar em grupos pequenos, para possibilitar maior interação;
- não se apresentaria às pajens, de antemão, nenhum produto acabado. A apresentação de qualquer material deveria ocorrer no final do Encontro;
- o enfoque seria privilegiar o processo, e não o produto. Seria importante, entretanto, que os grupos trabalhassem com a perspectiva de poder partilhar, de alguma forma, o resultado de seu trabalho com as demais participantes.



Participantes e Constituição dos Grupos

Na medida em que o Encontro se proponha a propiciar uma troca de experiências seria importante garantir, através da seleção das participantes e da organização dos grupos, uma composição diversificada quanto à inserção regional, ao tipo de entidade mantenedora da creche, bem como a características pessoais da pajem.

Decidiu-se que do Encontro participariam pajens trabalhando na Região Metropolitana e no interior do Estado. A participação da cidade de São Paulo (considerada importante, dado o estágio em que já se encontra a discussão da questão da creche, o que permitiria às pajens do interior tomarem conhecimento da reflexão que aqui vem sendo feita em torno do assunto) não excedeu a 1/3 do total, tendo sido privilegiadas as experiências locais que não encontrassem paralelo no interior (creches de empresa, de universidade, de bairro).

No interior, procurou-se abranger os diversos tipos de creche caracterizados, principalmente, pela fonte de recursos. No caso das creches mantidas por entidades filantrópicas procurou-se balancear a participação dos diferentes tipos: laica, católica, espírita etc...

Na medida do possível, garantiu-se ainda uma variação quanto à idade da pajem, faixa etária da criança da qual ela se ocupa, treinamento anterior e tipo de trabalho que executa.

Por sugestão de algumas das creches visitadas, incluiu-se também a participação de técnicas, o que permitiu não só uma complementação de informações, como também poderia possibilitar uma posterior continuidade do trabalho iniciado. Foram então convidadas técnicas que já estavam desenvolvendo em sua região um trabalho visando a melhoria do atendimento dado às crianças nas creches e das condições de trabalho da pajem.

A composição dos grupos de trabalho (vide item Programação) também procurou respeitar, sempre que necessário, esta diversidade. Assim, para certas atividades os grupos foram formados levando em conta a disparidade de condições de trabalho e salários, correspondendo, grosseiramente, a duas categorias: as que trabalhavam em creches mantidas pelo poder público ou empresas e as que trabalhavam em creches filantrópicas, conveniadas e comunitárias. Os grupos foram

formados de modo a garantir que todas as experiências estivessem neles representadas, o que permitiu, já durante a apresentação das participantes, o confronto enriquecedor de variadas condições de trabalho. Cada grupo foi coordenado por um elemento da equipe de pesquisa cuja atuação consistiu em procurar facilitar as interações, estimulando as participantes mais tímidas, solicitando explicitação de informações, e responsabilizando-se pela tarefa, para algumas de nós ingrata, de manipular gravadores, fitas e registros.

Na medida em que nossa intenção era criar um clima não culpabilizante, controlamos a distribuição das técnicas pelos grupos, evitando que fossem colocadas junto às pajens com que trabalhassem em suas regiões.

Infra-estrutura e Acolhida

O valor atribuído à criação de um clima permissivo e caloroso acarretou uma série de cuidados no planejamento e organização do Encontro relativos a aspectos exteriores à programação propriamente dita, muitas vezes considerados como irrelevantes ou detalhes secundários.

Em primeiro lugar, o fato de termos realizado o Encontro em Piracicaba e durante um fim de semana (de sexta-feira a domingo), implicando um deslocamento de grande parte das pessoas, propiciou um envolvimento e um entrosamento satisfatório entre as participantes, na medida em que convivemos em diferentes situações: durante as refeições, nas pausas, nas atividades de lazer e de trabalho.

Em segundo lugar, a possibilidade de realizar o Encontro em local destinado ao trabalho coletivo com crianças, permitiu que usufríssemos das facilidades materiais e de pessoal (salas, refeitório, cozinha e cozinheira), como também que percebessemos o funcionamento de um programa de atendimento à criança pequena e à comunidade. Esta percepção pode ocorrer nos momentos em que compartilhamos as instalações com as crianças, os funcionários e a população local, e também em situações mais fugazes, quando comíamos, usávamos o equipamento ou nos relacionávamos com o pessoal do CEPEC. Apesar da dificuldade em se avaliar suas conseqüências, provavelmente este "banho de creche" e a disponibilidade que a experiência de Piracicaba demonstrou de se pôr a nu, tenha aumentado nossa disponibilidade para observarmos, compararmos e nos expormos⁵.

No plano da organização e da programação levamos também em conta que as pajens eram pessoas inteiras, muitas delas saindo de suas cidades sozinhas pela primeira vez: facilitamos e providenciamos transporte, do local de moradia até Piracicaba; previmos passeios pela cidade, compras, festa junina e a possibilidade de assistirem, no próprio CEPEC, à transmissão do jogo da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 1982.

Estes momentos ofereceram oportunidades únicas de distensão, de interação pouco ou quase nada hierarquizada, criando condição para romper barreiras, pois a mulher que torcia pelo time ou dançava na festa era a mesma que contava ou escutava uma experiência de vida e de trabalho.

Foram também previstos materiais habitualmente presentes em congressos e que emprestam um aspecto formal de evento profissional, valorizando portanto o trabalho realizado: crachás, pastas com acessórios de escritório, programação impressa, lista de participantes, certificados, etc...

Recursos Materiais

Foram previstos e utilizados no Encontro materiais variados com finalidades diversas: para execução de objetos, registro, estimulação e informação.

1 — Sucata

Providenciou-se uma verdadeira oficina de sucata, organizada num minialmoxarifado e destinada à utilização de todos os grupos. Contando com uma grande diversidade de materiais, a oficina não continha nada que já fosse estruturado ou fabricado. Para uso complementar à sucata foram colocados à disposição materiais de escritório (durex, fita crepe, cola, barbante, lápis, caneta, borracha etc.) e de pintura.

2 — Gravadores

Na medida em que pretendíamos utilizar o conteúdo das informações e reflexões como material de pesquisa, providenciamos para que as discussões em pequenos grupos fossem gravadas. Os gravadores pouco interferiram no trabalho das pães e a transcrição das fitas gravadas forneceu-nos documentação bastante rica, tendo sido a base para a elaboração de um artigo⁶ e de um vídeo-tape⁷.

3 — Vídeo tape

A gravação em vídeo-tape teve função dupla: como registro do Encontro para divulgação posterior e como instrumento de trabalho, tendo sido parcialmente apresentado às participantes na última sessão. O vídeo, apesar de ser um recurso relativamente oneroso, mostrou grande utilidade, por permitir a difusão a outras pessoas do clima vivo e das potencialidades das pães⁸.

4 — Filmes

Fizemos um levantamento relativamente sistemático de filmes sobre educação de crianças pequenas, creches e situação da mulher brasileira em filmotecas de canais de televisão, consulados e distribuidores de filmes. Alguns desses filmes foram previamente selecionados e apresentados às participantes⁹.

5 — Publicações

Deixamos à disponibilidade das participantes material impresso, seja para recortar e reutilizar (principalmente revistas e folhetos) como também para consulta.

6 — Material Impresso

Foram providenciadas cópias da programação da composição dos grupos e de um questionário de identificação (em anexo). Este questionário, depois de tabulado, permitiu que tivéssemos uma idéia aproximada das características sócio-demográficas das pessoas que exercem essa profissão. (Estes dados encontram-se no artigo "Profissionais de creche" — vide nota 6)

7 — Jornalzinho

No final do Encontro foram distribuídas matrizes de mimeógrafo a álcool para que as participantes ai

inscrevessem suas impressões a serem, logo em seguida, distribuídas para as demais. Estes textos foram incluídos no Jornalzinho que foi enviado, pelo correio, para todos os participantes após o Encontro (em anexo).

8 — Materiais Trazidos pelas Participantes

Foi solicitado às participantes que trouxessem para o Encontro materiais produzidos ou utilizados em suas creches (programações, materiais de estimulação, fotos etc.). Estes materiais ficaram em exposição durante a última sessão.

Equipe de Apoio

Levantados os temas de maior interesse e definida grosseiramente a estratégia de abordá-los, constatamos que a equipe de pesquisa não possuía instrumentação suficiente para tratá-los a todos por si mesma e de forma adequada. Assim, por exemplo, nossa formação e prática acadêmicas nos viciaram no uso da palavra, deixando-nos quase que incapazes de manipularmos técnicas corporais e expressivas. Resolvemos, então, contactar pessoas que pudessem nos auxiliar seja por manusearem técnicas corporais ou expressivas, seja por conhecerem mais adequadamente que nós os temas que seriam trabalhados.

A atuação desses profissionais foi previamente planejada, tendo necessitado maior ou menor número de reuniões em função do tema ou da técnica que seria utilizada. Este planejamento consistiu em procurar adequar o aporte de cada um dele às propostas e objetivos do Encontro.

Foram eles:

Cecília Simonetti, Beatriz Tractemberg (Bia), José Joaquim Marques, Marina Justino, Silvia G. Daffre, Janete Maria Rodrigues. No relato da programação foram incluídas informações sobre área de atuação e formas de localização desses profissionais.

Programação

A programação do Encontro (em anexo) foi dividida em dois blocos de atividades: o primeiro, comum a todos, teve por objetivo criar condições para que as participantes, reunidas em pequenos grupos, se conhecessem e falassem sobre seu trabalho; num segundo momento, as pessoas escolheram uma área de interesse dentre as opções oferecidas (previstas a partir dos contatos prévios com creches e técnicas das diferentes cidades) e desenvolveram-na em maior profundidade, com a preocupação de transmitir, posteriormente, o ocorrido aos demais. Desse modo tentávamos conciliar em curto espaço de tempo a diversidade dos interesses e um trabalho em comum, mais aprofundado.

A constituição dos grupos adaptou-se a esta programação: no 1º bloco, quando se objetivava a discussão a partir do confronto de experiência, organizamos grupos diversificados; no 2º bloco, os grupos se organizaram espontaneamente, tendo como eixo aglutinador o interesse pelo tema que seria trabalhado. Da mesma forma, o tipo de atividade desenvolvida, bem como os estímulos oferecidos, foram diversos para cada bloco e para os diferentes temas.

Relatamos a seguir como foram realizadas as atividades previstas:

1. Visita às creches de Piracicaba

À medida em que os participantes chegavam em Piracicaba, iam-se formando grupos aleatórios que, acompanhados por um elemento da cidade, visitavam um CEPEC. Esta visita permitiu que se visualizasse o trabalho desenvolvido pela Prefeitura com as crianças e com a comunidade. O confronto daquela experiência com a realidade vivida por cada visitante deu margem, já, a algumas discussões interessantes.

2. Abertura

Após as visitas, o grupo todo se reuniu num CEPEC onde ocorreu a abertura formal do Encontro. Numa linguagem simples e informal, discorreu-se sobre os objetivos, explicando-se o uso que se faria de gravadores, filmagens e anotações. A equipe organizadora e as cidades participantes foram apresentadas, bem como foram dados os avisos de ordem prática referentes à divisão de grupos, hospedagem e alimentação.

Em seguida foi realizada uma atividade de aquecimento: as participantes, ainda muito pouco à vontade, foram surpreendidas pelo convite de desenvolverem um jogo simples que envolvia o uso do corpo e o contato físico. Aos poucos, todos nos envolvemos, ocorrendo rapidamente um clima de descontração e bom humor. Foi nesse clima que iniciamos os trabalhos nos pequenos grupos.

3. Pequenos grupos: discussões sobre o papel das pajens

Nos pequenos grupos, cada coordenadora, apresentou a programação para os três dias, esclarecendo as dúvidas existentes.

Em seguida, propôs-se uma primeira rodada, em que cada pessoa faria sua apresentação, fornecendo dados como: nome, cidade de origem, tipo de creche em que trabalha, função que exerce, rotina diária de trabalho, o que difícil e o que é bom neste trabalho (cientes das dificuldades existentes, consideramos importante ressaltar os aspectos positivos do trabalho de cada um). Esta apresentação durou um dos períodos, tendo provocado, ela mesma, discussões e confrontos.

A fim de aprofundar as questões levantadas no primeiro período, os pequenos grupos se reuniram novamente para discutirem mais especificamente questões ligadas ao trabalho profissional, a partir de um depoimento gravado de uma pajem. Este depoimento, claro, forte e abrangente foi utilizado como estímulo provocador, pois trazia à tona quase todos os entraves que a pajem enfrenta em seu cotidiano. As discussões que o sucederam permitiram completar ou ampliar os temas tratados na sessão anterior.

No decorrer desse trabalho, as coordenadoras do grupo, bem como as técnicas presentes, tinham a preocupação de ocupar o menor espaço, possibilitando às pajens maior participação.

Essa primeira troca trouxe informações muito ricas sobre as condições de trabalho e de existência des-

sa categoria profissional, desvelando, para o conjunto do grupo uma série complexa de temas para reflexão, como por exemplo: a questão da denominação,

"Esse rótulo de pajem, acho que tá errado. Parece até que pajem só fica olhando a criança pra não se machucar... Acho que o nosso trabalho é muito mais rico, porque você educa. Se na creche não tiver professora, a gente tem que dá o que a professora dá..."

a sobrecarga de trabalho, multiplicidade e variedade de atividades,

"A faxineira ultimamente a gente não tem. Quem faz a faxina são as pajens, que varrem as salas, que passam o pano, que limpam o banheiro... Também quando a criança fica doente ou se machuca, a gente mesmo que resolve."

a identidade profissional,

"Atividades é as professoras que dão. Nós fazemos a parte da mãe."

o salário e jornada de trabalho,

"Trabalho numa creche que nasceu com muita dificuldade, sabe, e que é paga pelos moradores do bairro. Ainda não conseguimos convênio com a Prefeitura... Agora eu tô ganhando Cr\$ 6.000,00 (junho/82), trabalhando 11 horas por dia."

a relação com os pais,

"Às vezes a criança não tá bem de saúde e... principalmente de sábado tudo que a criança quer a mãe dá mesmo, faça mal faça bem. Chega na classe tá com diarreia, você tem que cuidar daquela criança... diarreia, febre, você tem que cuidar, vê se a febre não vai subir mais de 40 grau. Dá convulsão, aonde você é a responsável. Então tem todo esse problema. E geralmente, você pede pra mãe levar no médico, no outro dia ela vem: — "a senhora levou no médico? — Não, não levei. — Então olha, o problema é da senhora, nós pedimos pra senhora levar, se acaso acontecer alguma coisa a gente não tem responsabilidade."

a formação,

"A gente não tem muitas condições de participar de qualquer tipo de treinamento ou reunião, porque o número de funcionários é muito pequeno e se a pajem sai não temos substituto para as crianças. A gente tem alguns voluntários, mas eles nunca ficam permanentes; primeiro porque não têm preparação, eles caem dentro da creche de pára-quedas. Do mesmo jeito que eles entram, eles saem. Além do que o voluntário lá dentro também se sente perdido porque não foi preparado para isso e, em vez de ajudar a gente, eles atrapalha."

a qualidade do relacionamento com a criança,

"Fico sozinha com 54 crianças. Já pensou na hora do banho? E pra conhecer a roupa de cada um?"

Os treinamentos recebidos também foram questionados pelas pajens, sendo apontadas uma série de deficiências, como: proporem temários distanciados da realidade vivida no cotidiano, o que os torna pouco motivadores; serem muito teóricos, não chegando a instrumentar o profissional; usarem uma linguagem que desconsidera e desrespeita a linguagem da pajem, o que as desestimula a vencer as dificuldades do próprio treinamento.

4. Atividades em torno de um tema

No intuito de aprofundar algumas questões, organizamos atividades em torno de três temas previamente solicitados, pelas participantes, por ocasião das visitas e observações efetuadas nas respectivas cidades. Foram eles: educação sexual, atividades com a criança e o papel da pajem.

Estes trabalhos foram dirigidos pela equipe de pesquisa ou pelos especialistas que se dispuseram a participar do Encontro.

Feita uma apresentação do trabalho que seria desenvolvido em cada grupo, as participantes distribuíram-se espontaneamente entre os temas propostos, com a ressalva apenas que deveriam optar por apenas um deles.

A fim de conciliar esse trabalho em maior profundidade com a possibilidade de que todos tivessem uma visão de conjunto, garantimos um momento final para a apresentação coletiva das experiências vividas em cada grupo. Nesse sentido, cada grupo assumiu o compromisso de "produzir" um produto (texto, cartaz, apresentação, etc.) a ser apresentado às demais.

Grupo 1: Educação Sexual

Como era de se supor, este grupo foi escolhido por um grande número de pessoas, pajens e técnicas, o que propiciou uma composição bastante heterogênea quanto à idade, estágio no ciclo de vida e conseqüentemente vivências de sexualidade.

As atividades foram dirigidas por Cecília Simonetti, membro de uma equipe da Fundação Carlos Chagas que vem desenvolvendo um trabalho de educação sexual com grupos de mulheres, e que elaborou um material de apoio, a série de folhetos "Esse sexo que é nosso"¹⁰.

A complexidade e os tabus (inclusive da própria equipe organizadora do Encontro) envolvidos na discussão da sexualidade fizeram com que a preparação prévia desse grupo fosse a mais trabalhosa, tendo exigido uma série de reuniões da equipe para que se definisse o ponto de partida. Aqui pensamos que a melhor estratégia seria partir da sexualidade observada no outro (na criança), menos ameaçadora, de início, que a verbalização de experiências próprias.

A fim de estimular a participação de todas, o grupo iniciou com uma rápida apresentação — inclusive a coordenadora — explicitando as razões que levaram a escolher este tema. A apresentação da coordenadora



consistiu em relatar sua experiência com grupos equivalentes e informar sobre o material disponível.

Conforme se previa, a discussão iniciou-se pela sexualidade da criança, girando em torno da busca de soluções para problemas concretos enfrentados no trabalho diário nas creches: masturbação, curiosidade sexual, palavrão, questões para as quais a maioria opinou se sentir despreparada para enfrentar.

A participação de cada elemento no grupo deu-se em diferentes níveis. Algumas colocaram, logo de início, uma série de problemas, inclusive de caráter pessoal. Com outras, isto ocorreu apenas no último dia, como se no decorrer das discussões tivesse havido uma quebra de barreiras. Outras, permaneceram no nível pessoal referindo-se exclusivamente aos problemas das crianças ou dos "outros". Algumas outras ainda, praticamente não se manifestaram, ou se manifestaram pouco, apenas quando solicitadas (na apresentação e na avaliação final). Em alguns momentos observou-se um certo nervosismo, talvez pela emoção de estar colocando em público problemas particulares e considerados tabus.

O grupo decidiu relatar às demais o trabalho realizado através de cartazes e de um Jornalzinho (em anexo).

Grupo 2 — Atividades com a criança

O objetivo deste grupo foi o de sensibilizar suas participantes para a importância das atividades com a criança e fazê-las refletir sobre o papel do adulto na condução dessas atividades.

Tais aspectos foram selecionados a partir de observações e informações colhidas de que, em grande parte das creches, nota-se a ausência de programas ou atividades de estimulação da criança, ou uma inadequação muito grande em seu desenvolvimento.

Como o tempo previsto para este trabalho era curto, procurou-se um caminho que pudesse, ao menos, sensibilizar as participantes para estas questões.

Decidiu-se iniciar oferecendo uma situação estimuladora que provocasse o grupo à discussão, troca de experiências e reflexão. Para esta estimulação foram projetados 2 filmes canadenses (os únicos disponíveis), que focalizavam crianças em diferentes fases de desenvolvimento, entre 2 e 5 anos, em situações escolares e familiares¹¹

Decidiu-se também oferecer a possibilidade de manipulação de material (principalmente sucata) para:

— levar o grupo a experimentar uma situação de criação livre com material concreto, sugerindo possibilidades de desenvolvimento de atividades análogas com a criança;

— levar o grupo a iniciar uma reflexão sobre o sentido dessas atividades, seus objetivos e seu papel numa programação de creche;

— levar o grupo a encontrar formas de superar a falta de material simples para manipulação livre da criança e a ausência de estimulação visual, sonora e tátil nos ambientes da creche.

Para esta atividade dividiu-se o grupo em três subgrupos que desenvolveram materiais específicos para crianças nas faixas etárias de 0 a 2, 2 a 4 e 4 a 6 anos (vide no "Jornalzinho", em anexo, o relato das atividades).

Duas especialistas foram convidadas para complementar o trabalho deste grupo. Uma professora de Educação Física (Marina Justino¹²) que trabalha em creche, fez uma demonstração prática de exercícios e brincadeiras que podem ser desenvolvidas com a criança nas diferentes faixas de idade e que não requerem utilização de material específico. Nesta demonstração, as pajens participaram como alunas, vivenciando pessoalmente cada atividade. Uma atenção especial foi dada, ainda, a maneira de conduzir o trabalho, chamando atenção para atitudes adequadas e inadequadas do adulto que as conduz (vide descrição no "Jornalzinho", em anexo).

A coordenadora do trabalho desenvolvido pela Oficina de Brinquedos da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) — Janete Mari Rodrigues — relatou a experiência de fabricação de brinquedos com sucata e apresentou os produtos, esclarecendo o objetivo de cada um deles¹³.

Grupo 3: O papel da pajem _____

Para aquelas que queriam se aprofundar na questão da pajem e seu papel na creche, organizou-se este grupo de trabalho, o qual usou técnicas corporais e dramáticas para facilitar a comunicação e a expressão das percepções e sentimentos.

Dois especialistas da área — Beatriz Tractemberg e José Joaquim Marques — foram escolhidos para desenvolver este trabalho, em continuidade à programação do Encontro, que foi por eles acompanhado desde o início¹⁴.

Este grupo começou por discutir as relações mãe-filho, mãe-pajem, pajem-técnicos, pajem-administração. Em seguida às discussões, foram executados alguns exercícios corporais (técnica do espelho) que encaminham a proposta de trabalho do grupo: realizar pequenas cenas de teatro, confeccionando também o vestuário e os acessórios com material que tenha sido colocado à disposição (sucata, papéis, tinta).

Durante sua execução, os trabalhos foram coordenados por Beatriz Tractemberg que ia informando como

criar os diálogos, confeccionar os materiais e, de tempos em tempos, introduzia técnicas de relaxamento corporal.

As participantes tiveram a oportunidade de trocar entre si não apenas idéias e opiniões mas também técnicas para a realização de acessórios, cartazes e vestuário.

Foram criadas e representadas três cenas: uma utilizava as discussões sobre as relações entre pajens, mães e crianças; outra focalizava o autoritarismo na creche expresso através do regulamento; e uma última retratava a relação entre o poder público e a população que reivindica por creche, antes e depois da campanha eleitoral.

5. Palanque final

Foi planejado um momento em que os trabalhos realizados pelos diferentes grupos pudessem ser expostos aos demais.

Os grupos que trabalharam em "atividades com as crianças" exibiram, nas próprias salas de trabalho, os materiais confeccionados acompanhados de cartazes explicativos ou de explicações fornecidas pelas pajens.

O grupo de "sexualidade" afixou os cartazes confeccionados e retratou a síntese das discussões.

O grupo "o papel da pajem" representou diante de todos as três cenas.

Ao final, aproveitando-se o palanque montado para o teatro, pajens, técnicas e equipe de pesquisa também se exprimiram, falando e escrevendo em papéis pendurados na parede ("dazibaos").

Dias depois do Encontro as participantes receberam um Jornalzinho (em anexo) com resumo das atividades, lista de endereço, mensagens e avaliações.

Finalizando este relato, transcrevemos o que foi escrito nestes cartazes que fecharam o encontro:

"Quero o povo unido em creches, favelas,
nas ruas e dentro da prefeitura e
escolher seu próprio governador"

"Vamos vencer
Solidariedade
Alegria"

"O futuro das crianças depende da gente
Abaixo a ditadura
O povo é quem manda
Nós também somos capazes!"

"Abertura
Deve falar
Fazer"

"Falar
Querer é poder"

"Solidariedade
Quero o povo unido governando!
Vamos trabalhar juntos"

"Criança é amor e por isto estamos aqui
Cooperação
Amor"



NOTAS

1. O Encontro Nacional de Creches, realizado em setembro de 1981, contou para sua realização com o apoio das Fundações Ford e Pathfinder. Foi objeto de duas publicações: *Creche. Cadernos de Pesquisa. Suplemento*, (43) nov. 1982; *Creche. Mulherio*, (4): 10-17, nov./dez. 1981.

2. A Prefeitura de Piracicaba implantou na gestão passada, um plano de Educação que englobava diferentes programas atingindo a diversas camadas da população. A faixa do pré-escolar (entre 0 e 6 anos e 11 meses) era atendida nos CEPECs — Centros Polivalentes de Educação e Cultura; construídos especialmente para este fim. Constituídos de berçário (0 a 1 ano e 11 meses), creche (2 anos a 5 anos e 11 meses) e pré-escola, estes CEPECs atendiam à população estável do bairro aonde se localizavam. Neles, também funcionavam programas de educação complementar para crianças de 7 a 14 anos e programas de educação de adultos. Na época do Encontro, a comunidade participava ativamente do funcionamento dos CEPECs: era ela quem estabelecia os critérios de admissão das crianças; os funcionários, sempre que possível, eram selecionados entre os moradores do bairro e existia um trabalho contínuo com as famílias das crianças. Nessa época, houve uma preocupação clara da equipe responsável em profissionalizar os funcionários. Salários mais adequados, treinamentos periódicos e a inclusão de monitores ou professores do sexo masculino foram algumas das medidas adotadas na vida das creches para extinguir o caráter de trabalho doméstico, que sempre acompanhou a guarda da criança pequena.

3. Este projeto está sendo realizado com o apoio financeiro da Fundação Ford.

4. A descrição do estágio de desenvolvimento das creches nas regiões visitadas encontra-se à disposição, na Fundação Carlos Chagas.

5. As conseqüências dessa disponibilidade do grupo de Piracicaba em expor publicamente sua experiência não foram suficientemente pensadas antes da realização do Encontro. Este fato gerou, no início, um relacionamento relativamente tenso entre as equipes de pesquisa e técnica, devido principalmente ao aguçamento da crítica de algumas dentre nós.

6. As informações colhidas durante a realização do Encontro foram objeto do artigo: CAMPOS, Maria M. Malta et. al. Profissionais de creche. *Cadernos CEDES*, (9): 39-66, 1984.

7. *Pajens*. Vídeo realizado pela Companhia Paulista de Vídeo e Fundação Carlos Chagas, que procura mostrar o cotidiano das pajens. Encontra-se disponível para empréstimo na Fundação Carlos Chagas.

8. *Trabalhando com pajens*: vídeo editado a partir da gravação do Encontro, onde se procurou deixar transparecer o clima de envolvimento das participantes. Encontra-se disponível para empréstimo na Fundação Carlos Chagas. Atualmente, em São Paulo, existem várias empresas que se dispõem a gravar em vídeo sob encomenda. A Revista *Isto É* (375: 44-49, 29 fev. 1984), publicou, recentemente, matéria sobre o assunto.

9. Alguns consulados e canais de televisão de São Paulo possuem filmotecas que contêm títulos utilizáveis sobre educação de criança pequena, creche e situação da mulher, dispoondo também de serviço de empréstimo para o público em geral. São eles: Rádio Televisão Cultura — RTC (tel. 263-9111), Rede Globo de Televisão, Filmoteca Global (tel. 285-3155 R. 308), Consulados da França, da Suíça e dos Estados Unidos. A filmoteca do Consulado do Canadá foi transferida para o Rio de Janeiro (tel. 551-9542). Há, também, em São Paulo, distribuidoras comerciais que alugam filmes e que contam com títulos interessantes para encontros, seminários e treinamentos. São elas: CDI — Cinema Distribuição Independente (Rua Treze de Maio, 489 — CEP 01327 — tel. 288-4694) e DINA FILMES — Distribuidora Nacional de Filmes (Rua do Triunfo, 134 8º andar — salas 84-85 — CEP 01212 — tel. 221-3641). Uma outra fonte de recursos audiovisuais em São Paulo é o Museu da Imagem e do Som que dispõe de um catálogo de seu acervo (Av. Europa, 158 — tel. 853-1498). A Fundação Carlos Chagas também dispõe de um pequeno acervo de filmes, audiovisuais e vídeo-tapes que podem ser solicitados para empréstimo (tel. 211-4511).

10) A equipe do projeto "Esse sexo que é nosso" elaborou, junto a grupos de mulheres da periferia de São Paulo, 5 folhetos que servem como roteiro para discussão em grupo de temas de sexualidade. A equipe vem trabalhando com grupos interessados em ler e usar esse material. Para maiores informações sobre esse trabalho cf.: Muito prazer, periferia. *Mulherio*, São Paulo, 2(5):17, jan./fev. 1982; Um debate que se amplia. *Mulherio* São Paulo, 2(6):5, mar./abr. 1982; BRUSCHINI, Cristina et al. Caminhando juntas: uma experiência em educação sexual na periferia de São Paulo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (45): 43-49, maio 1983.

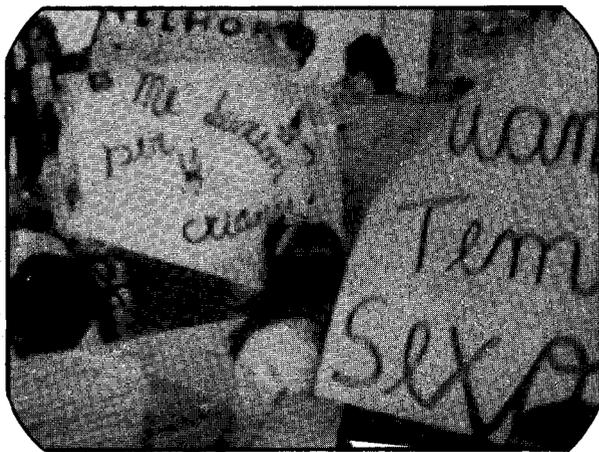
11. Os filmes projetados pertencem a uma série canadense que abarca as mesmas crianças desde o nascimento até os 12 anos, em casa e na escola. Escolhemos dois: "Terríveis aos 2 anos, confiantes aos 3 anos" e "Frustrados ao 4 anos e fascinados aos 5 anos". Podem ser solicitados por carta, com 15 dias de antecedência, ao Consulado do Canadá, Praia do Botafogo, 228, 10º andar, CEP 22250, Rio de Janeiro. Seus números no atual catálogo são 309 e 310, Seção V, respectivamente.

12. Marina Justino é professora de educação física e, na época, trabalhava no CEPEC onde realizou-se o encontro, dando atendimento também para duas outras unidades.

13. A Oficina de Brinquedos da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas) vem desenvolvendo com a colaboração de voluntários (adolescentes, adultos e idosos) a fabricação de brinquedos artesanais, e material de estimulação para as creches e ela filiadas. Para maiores informações, procurar Janete Maria Rodrigues, R. Marechal Deodoro, 1187, ap. 52, Campinas, 13100.

14. José Joaquim Marques é professor de Artes de 1º e 2º graus das escolas Madre Odette Souza, Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP e do Colégio Rainha da Paz. Seu trabalho consiste em incentivar ou mesmo desenvolver nas pessoas, através da linguagem expressiva, o prazer de descobrir-se e de descobrir aquilo que a cerca de forma integrada e harmônica. Beatriz Romero Tractenberg é atriz e professora de jogos dramáticos na Escola de 2º Grau Virgínia Rodrigues Alves de Carvalho Pinto em São Paulo. Seu trabalho consiste em, através da utilização de técnicas aliadas à sua sensibilidade, procurar desbloquear as pessoas no sentido de usarem outras linguagens além da palavra.

Foto de vídeo: Ricardo Martirani e Fernando Lázlo
Diagramação: Lilita Figueiredo



PROGRAMA

DIA 18 – 6ª feira

- 9:00 – 10:30 – Chegada em pequenos grupos
Visita aos CEPECs (creches e centros comunitários)
- 11:00 – Abertura geral do encontro (Atividade de aquecimento)
- 11:30 – 12:30 – Almoço
- 12:30 – 14:30 – Trabalho em grupo (4 grupos)
- 14:30 – Lanche
- 15:00 – 16:00 – Continuação do trabalho em grupo
- 16:00 – 18:00 – Horário livre (Jogo do Brasil)
- 18:00 – Jantar conjunto com pessoal de Piracicaba
- 19:00 – 19:20 – Filme "As balzaquianas"
- 19:30 – 20:30 – Debate
- 20:30 – Saída para locais de hospedagem

DIA 19 – Sábado

- 8:00 – 8:30 – Café da manhã
- 8:30 – 11:00 – Trabalho em grupo (5 grupos)
(com intervalo para café)
- 11:00 – Almoço
Passeio por Piracicaba
- 13:00 – Reunião geral
- 13:15 – 18:00 – Trabalho em grupo (3 grupos, cada um com um tema)
(com intervalo para lanche)
- 18:00 – Lanche
Tempo livre em casa
Festa junina
- 19:00 – 22:00 – Condução para casa

DIA 20 – Domingo

- 8:30 – 12:00 – Trabalho em grupo (continuação do trabalho do dia anterior – 3 grupos)
(com intervalo para café)
- 12:00 – 13:00 – Almoço
- 13:00 – 16:00 – Painel dos 3 grupos
- 16:00 – Lanche e encerramento do encontro
- 17:00 – Condução para a rodoviária

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

- Nome
- De que cidade você é?
- Em que creche você trabalha?
- Qual sua idade?
- Qual o seu estado civil? (solteira/casada/separada/viúva).
- Quantos filhos você tem?
- Onde seu pai trabalha (ou trabalhava)?
- O que seu pai faz (ou fazia) no serviço?
- Se você é ou foi casada:
Onde seu marido trabalha ou trabalhava?
- O que o seu marido faz ou fazia no serviço?
- Até que série da escola você estudou?
- Indique se foi na escola, no supletivo ou no Mobral.
- O que você faz no seu trabalho?
- Como você aprendeu o seu trabalho?
- Há quanto tempo você está neste tipo de trabalho?
- Em quantas creches você já trabalhou?
- Quantas horas você trabalha por dia? (desde a entrada até a saída).
- Você tem um descanso na hora do almoço?
- Quantos dias de férias você tem por ano?
- Quanto você ganha por mês?
- Você está registrada em carteira?



- 1) Grupo 1 – teatro
- 2) Grupo 2 – educação sexual
- 3) Grupo 3 – atividades com crianças
 - a) filmes
 - b) domingo de tarde – atividade com a Marina (participaram também outros grupos)
 - c) atividade da manhã de domingo
- 4) Recados dos participantes*
- 5) Lista de Endereços**

* No jornalzinho enviado, estes textos foram copiados em xerox diretamente dos manuscritos dos participantes. Por motivos de espaço, eles foram compostos para esta publicação.

**Não incluída neste nexte anexo.

Grupo de Educação Sexual

PRAZER E SEXO

O sexo é um diálogo total, significado pela totalidade do encontro físico, em que todo o corpo fala, exprimindo doação e total intimidade.

Somente conhecendo o nosso corpo, teremos condições de ensinar a criança a conhecer o dela.

A criança quando está se masturbando é como se ela estivesse pegando em qualquer parte do seu corpo. É uma forma de exprimir ou experimentar o prazer.

Não devemos reprimir a criança quando ela estiver explorando o seu próprio corpo, mas procurar sempre encarar isso com naturalidade. Um gesto seu negativo, pode trazer sérios problemas psicológicos na sua vida, principalmente na adolescência: atraso da menstruação ou os meninos não conseguem a ereção.

Não devemos separar as crianças por sexo porque quanto mais separa, mais curiosa ela fica.

A mulher quando reprimida de pequena, passa inconscientemente para os filhos as situações vividas por ela.

Para que isso não aconteça é preciso de reuniões, discussões, onde seja o assunto encarado com naturalidade por parte de todos os participantes.

Quando a criança perguntar algo relacionado a sexo não mentir. Procurar sempre dar algo de concreto e de real. Não aprofundar no assunto e responder somente o que ela perguntar. Não despertar uma curiosidade que ela não sente.

Sexo é uma coisa espontânea. Não é programada. Simplesmente acontece.

Sexo não é uma violência, nem uma coisa suja ou feia. É um prazer, uma necessidade.

Grupo de Atividades com a criança

O grupo que escolheu trabalhar sobre o assunto ATIVIDADES COM A CRIANÇA assistiu dois filmes. O primeiro mostrava crianças de 2 a 3 anos. O outro mostrava as mesmas crianças com 4 e 5 anos. As crianças apareciam em atividades na escola (ou creche), em casa ou na rua, acompanhadas de algum adulto.

Muita coisa, nos filmes, chamou a atenção do grupo. Vimos que:

– as crianças menores gostam de estar perto das outras, mesmo que não saibam ainda brincar junto com elas;

– os pequenos não conseguem brincar muito tempo com as mesmas coisas;

– os maiorzinhos procuram os amiguinhos para brincar junto e ficam mais tempo na mesma brincadeira;

– conforme as crianças vão crescendo elas vão sendo capazes de fazer muita coisa sozinhas. No filme a professora e os pais esti-

mulavam as crianças para isso. Já não era preciso fazer tudo por elas.

Vimos também:

– as crianças brincando ao ar livre (fora da sala), mesmo em dias bastante frios;

– que as crianças saem em grupos acompanhadas por um adulto para passear: andar de ônibus, ver os trens na estação, ver como se faz o pão, como se tira leite da vaca, etc.;

– que nas atividades as crianças usavam não só as cadeirinhas e mesinhas; também brincavam no chão com muita alegria;

– a alegria das crianças podendo brincar com água, lavando roupinhas e pendurando-as no varalzinho;

– que com materiais muito simples, com o caixas de papelão pintadas, as crianças inventam sozinhas muitas brincadeiras;

– que as professoras e as mães não ensinavam sempre o jeito certo das coisas, mas deixavam as crianças irem experimentando até acertar; (É claro que isto só vale para situações que não ofereçam perigo!)

— que as crianças de uma sala não faziam todas sempre a mesma atividade. Muitas vezes elas podiam escolher coisas diferentes para fazer;

— que é importante que a criança brinque porque brincando ela estará aprendendo.

Depois de ver os filmes, nós discutimos um pouco o que observamos.

Neide chamou atenção para as diferenças das crianças mais novas, em comparação com as maiores: “as crianças dessa idade, quanta dificuldade elas encontram para mexer com os objetos”. Vimos também como as professoras procuravam não fazer as coisas pelas crianças, mas deixavam que elas tentassem sozinhas e só interferiam em alguns momentos.

Por tudo que viu, Sonia achou que “a gente devia

acreditar mais na criança de 2 anos”. Ivone falou que “as crianças não precisam que a gente crie para elas, elas também sabem criar”. Neide reparou como as crianças mexiam com a sucata e os brinquedos do jeito que elas queriam, com liberdade.

A liberdade das crianças brincarem, pegarem os objetos elas mesmas, se movimentarem sozinhas, chamou nossa atenção. Neide achou que na creche as crianças têm mais liberdade que em casa, mas Sonia disse que na creche a criança fica muito presa. Conversamos sobre as diferenças que existem entre cada creche.

Ivone falou sobre a liberdade da pajem: “Para dar liberdade para a criança, a gente tem de ter liberdade também, não dá para vir tudo já planejado para a gente”.

Discutimos um pouco sobre as brincadeiras ao ar livre. Nos filmes observamos as crianças muitas vezes fora, mesmo com muito frio. Dalva contou que na creche dela, mesmo sem escorregador, as crianças pequenas brincam no chão com água e sabão, e as pajens ajudam elas a escorregarem no chão molhado.

Marina falou sobre os acidentes que podem acontecer, e disse que é importante poder contar com a boa vontade e compreensão dos pais nessas ocasiões. Percebemos, mais uma vez, como é importante a creche estar próxima das famílias.

Sonia ficou impressionada de ver como os adultos, nos filmes, eram sempre muito pacientes com as crianças, mesmo quando elas faziam manha, brigavam e se portavam mal. Conversamos um pouco

sobre castigos: devemos castigar as crianças? Como agir nessas situações? Neide achou que em vez de dizer “não pode”, a pajem deve tentar fazer a criança mudar de comportamento. Clarice notou como a professora ajudou uma menina a entrar numa brincadeira de casinha, fazendo de conta que ela ia vender doces e conseguindo que ela fosse aceita pelo grupo. Sonia disse que nem sempre é possível manter a calma. Sentimos que esse é um problema difícil, sem respostas simples.

Durante outros momentos do encontro, voltamos a lembrar do que observamos nos filmes e refletir sobre o nosso trabalho nas creches. O que é possível fazer, mesmo quando enfrentamos condições de trabalho mais difíceis, falta de espaço e de material?



Marcelo Souza Lima

CENA DE TEATRO

ATIVIDADES DO DOMINGO DE MANHÃ

A Orquestra

Numa sala grande, ficamos todas em roda, cada uma com um instrumento:

Rita no piano (uma cadeira virada)

Clarice no bumbo (um tambor vazio de sabão em pó)

Dalcy na sanfona (usamos a imaginação!)

Ana Elisabete no prato (duas tampas de panela)

Lindinalva, Dalva e Vera nos côcos (cada uma com duas metades de casca de côco)

Neideramis na marimba (batendo com um pauzinho em garrafas mais ou menos cheias, penduradas com barbante num suporte)

Lúcia Helena no chocalho

Neide e Marlene com bastões (2 pauzinhos roliços)

Sílvia, Ana, Aparecida e Suely com chocalhos

Sonia e Ivone com bastões

Neusa, Vilma e Janete nos reco-recos (caixas de ovos e pauzinhos) e

Marina, tocando um côco e regendo.

Conforme íamos cantando a música, quem estava com o instrumento do qual se falava, tocava ou fingia que tocava:

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha *piano*, tinha *piano*

Comecei a *pianar*

Piano, piano, piano, lá
Piano, piano, piano, cá

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha *bumbo*, tinha

bumbo

Comecei a *bumboar*
Bumbo, bumbo, bumbo, lá

Bumbo, bumbo, bumbo, cá

A letra é sempre a mesma, só que cada vez que falamos de um instrumento, com aquele instrumento acompanhando o último verso.

Sanfona (sanfonar)

Viola (violar)

Pandeiro (pandear)

Prato (pratear)

Chocalho (chocalhar)

Marimba (marimbar)

Côco (coquear)

Bastão (bastonar)

Reco-reco (reco-car)

No final, cantamos todos os instrumentos juntos:

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha piano, tinha bumbo, tinha sanfona, tinha viola, tinha pandeiro, tinha chocalho, tinha prato, tinha côco, tinha marimba, tinha bastão, tinha reco-reco

Reco, reco, reco, cá

Reco, reco, reco, lá

Tá, tá, tá, tá, tá, tá

— Tá, tá, tá, tá, tá, tá

No final, batemos muita palma, para terminar

Depois de sentarmos no chão, todas em roda, lembrando das músicas que a gente conhece:

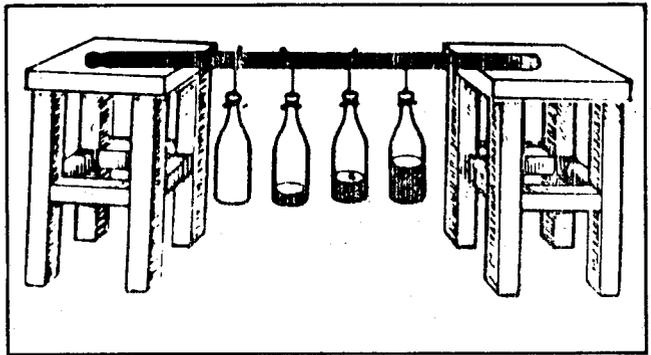
Marcha soldado, cabeça de papel

Se não marchar direito, vai preso pro quartel

Sapo cururú, da beira do rio

Quando sapo canta, maninha, cururú tem frio

Na Bahia tem, tem, tem.



Na bahia tem, morena
Côco de vintém

A canoa virou
Por deixar ela virar
Foi por causa do meu bem
Que não soube remar

e outras que a Vera lembrou!

Em seguida levantamos, ficamos uma atrás da outra e começamos a marchar em roda, batendo bem o pé e cantando "Marcha soldado".

Cantamos outras músicas e sentamos de novo no chão, "como índio" (pernas cruzadas), e cantamos, acompanhando com palmas:

Escravos de Jó

Jogavam caxangá

Tira, põe

Deixa o congerê ficar

Guerreiros com guerreiros

Fazem zigue, zigue, zá

Lá, lá, lá, lá, lá...

Depois esticamos as pernas para a frente e começamos a remar com os braços, balançando o corpo para frente e para trás, começando do pé, acompanhando o canto:

A canoa virou

Por deixar ela virar

Foi por causa da Marina

Que não soube remar

E depois, girando as mãos:

Tilim pra cá
Tilim pra lá
Moça bonita
Quer casar

A Marina nos mostrou como a professora deve fazer para estimular a participação de todos. Ela mesma tem de mostrar muito entusiasmo, alegria e fazer de tudo junto com as crianças: sentar no chão, correr, pular, bater palmas, cantar, etc. . .

Para estimular o coleguismo, a Marina pediu para a gente ficar de pé, uma de frente para a outra, uma dentro da roda, outra fora, para cantar, batendo as mãos, cada vez mais depressa:

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Quem bate em mim é ela

Quem bate nela sou eu

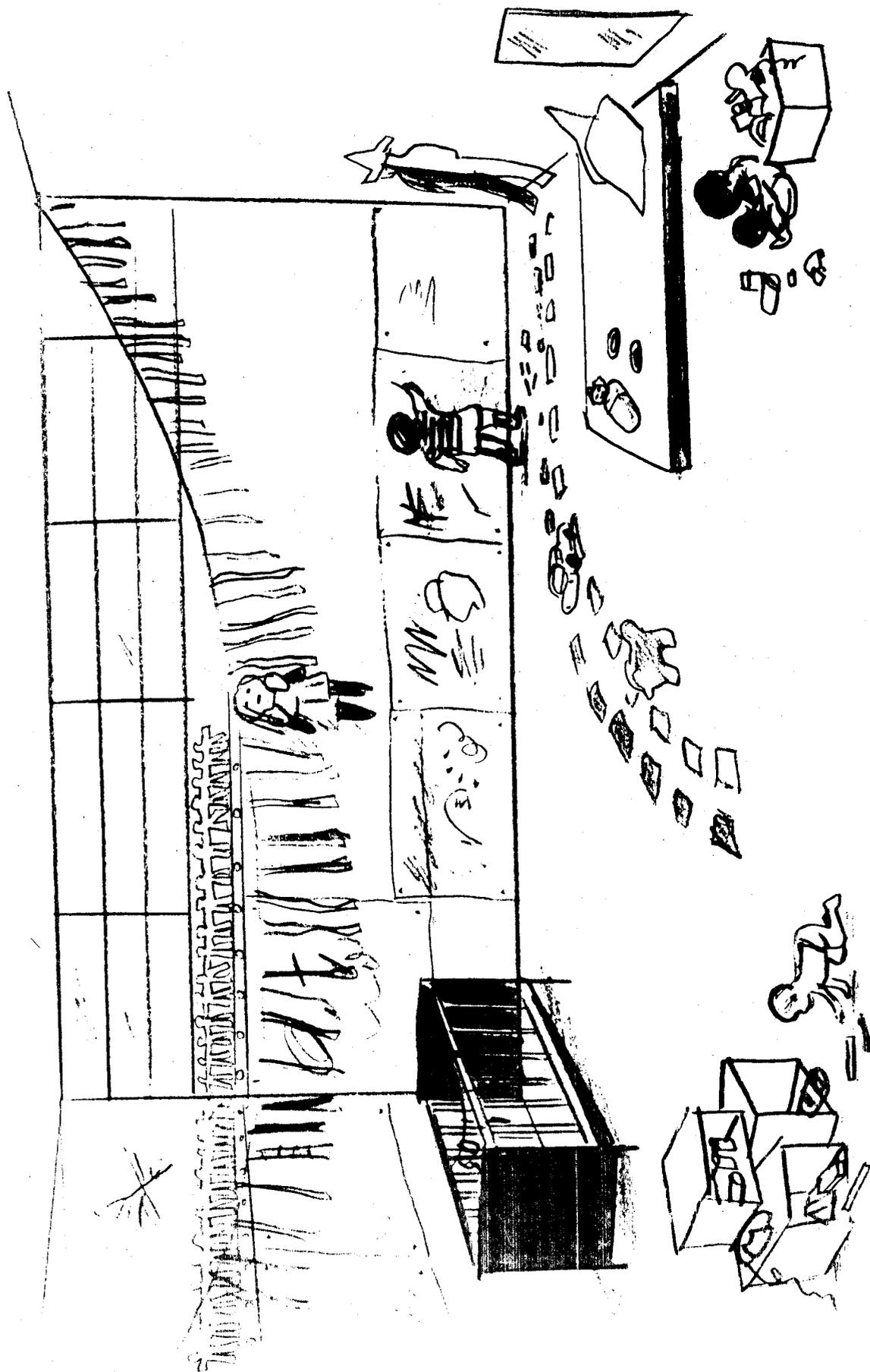
E, dançando de braço dado:

Yá-yá dá o braço pra yó-yó

Yó-yó dá o braço pra yá-yá

O tempo de crianças já passou, eh!

(pulando e batendo palmas para o alto)



E de novo o pirulito, bem depressa!

No final fizemos uma brincadeira, com duas turmas:

Cada turma fazia uma fila e todas abriam bem as pernas para passar alguma coisa por baixo: primeiro uma sandália, depois uma pessoa!

Cada vez que a sandália chegava atrás, a última da fila corria na frente e passava de novo a sandália para trás. Quando a pessoa que era a primeira da fila voltava ao seu lugar, aquela turma ganhava.

A Marina nos mostrou como sempre dava um jeito numa turma ganhar depois da outra. E aprendemos a bater palmas para quem ganha e ... para quem perde. Só que para quem perde elas começam bem fraquinhas e devagar e vão aumentando até ficarem fortes como as outras.

Aprendemos também que quando as crianças eram numa brincadeira de roda, elas não devem cair *fora*, mas devem ficar *dentro* da roda. Assim elas sentirão que pertencem ao grupo, poderão acompanhar a brincadeira e estarão sendo vistas por todos.

ATIVIDADES DO DOMINGO DE MANHÃ

O grupo de ATIVIDADES COM A CRIANÇA foi dividido em 3 pequenos grupos:

a) o primeiro grupo discutiu e elaborou uma proposta para o trabalho com crianças de 0 a 2 anos. No desenho (ver página anterior) vemos como esse grupo organizou o espaço do berçário. No berço foi pendurado um varalzinho com muitos objetos para a criança olhar, mexer, desenvolvendo sua percepção e seus movimentos. No chão foram colocadas caixas de

papelão com brinquedos para as crianças que engatinham. Também vemos no desenho um colchão para os pequenos se espalharem, papéis na parede ao seu alcance para rabiscares a vontade, um espelho para se olharem e marcas no chão para estimular os primeiros passos.

Nas paredes e pendurados em varais, os papéis coloridos de formas diversas estimulam a percepção e a imaginação das crianças.

b) o segundo grupo preocupou-se com as crianças de 2 a 4 anos, nas várias situações em que elas ficam na creche: no berço, no chão e em mesinhas e cadeiras.

Para cada situação as participantes do grupo confeccionaram brinquedos com a sucata disponível. Eles foram arrumados em uma pequena estante baixa, e em uma caixa de papelão, ao alcance das crianças.

Havia brinquedos para estimular a audição, o tato, a percepção de cores e formas, o movimento, a imaginação e alguns quebra-cabeças para os maiores.

Figuras foram colocadas em papelão para ajudar a pajem a conversar com as crianças sobre: o trabalho (o que a mãe e o pai de cada um fazem durante o dia), a família, conceitos de tamanho, quantidade, etc...

c) O terceiro grupo conversou sobre as atividades que devem ser desenvolvidas com as crianças de 4 a 6 anos:

Foram lembradas atividades para desenvolver: coordenação motora, memorização, imaginação, atenção, linguagem e conceitos como perto e longe,

grande e pequeno, igual e diferente, quantidade. Para estas atividades alguns materiais foram elaborados, utilizando sucata. O grupo lembrou ainda a necessidade de desenvolver nas crianças algumas atitudes, como organização e economia no uso dos materiais que a creche dispõe, alguns hábitos de higiene (lavar as mãos, escovar os dentes, usar a descarga) e alguns hábitos sociais (pedir licença, desculpas, dar bom dia).

Todas estas idéias foram resumidas num cartaz que ficou junto da estante onde foram expostos os materiais feitos pelo grupo.

Nos três grupos apenas levantamos algumas propostas para o trabalho com as crianças. Sabíamos que não tínhamos condições de tempo para discutir tudo que pode ser feito na creche. Mas a troca de experiências e idéias que houve entre nós foi importante para que cada uma continuasse na sua creche a procurar caminhos para o seu trabalho.

Recados dos Participantes

20.06.82 Turma

Foi extremamente gratificante este encontro me animou bastante, e eu sinto que dentro de mim novos caminhos se abriram. Eu espero que haja novos encontros. Adorei sem querer ofender a ninguém a Regina, a Marta, a Maria e a Elvira, elas são realmente de muito pique, elas têm realmente amor dentro de si, e dedicação ao seu trabalho.

Quando chegar em casa, quero organizar minha cabeça, colocá-la no lugar, e transmitir tudo o que aprendi, às outras berçaristas. O que eu senti também prometo mostrar a elas, mas principalmente o sentido de união sabe? Sem ir contra ninguém, porque antes de tudo eu quero cuidar e dar amor a elas, não ensinar que se deve ficar em guarda ao menor medo.

Confiar é o meu lema. Não quero demonstrar sofrimento para que elas não o sintam também.

Neideramis Cavalcante

Eu gostaria de compartilhar mais vezes, porque foi um encontro com um pessoal bem agradável, deu para guardar um pouco daquilo que espero para o bem do menor. Eu quero agradecer por tudo que nós recebemos, de tudo que foi bom.

Clarice Pinheiro Teorodo

Olha gente, este encontro aqui em Piracicaba foi para mim um presente muito grande, principalmente o conhecimento com pessoas, que jamais pensamos encontrar na vida. Saber de realidades diferentes das quais jamais a gente imagina que existe, aprendi coisas novas que servirão de incentivo para o meu trabalho e também poderão passar para minhas colegas de trabalho.

Agradeço as pessoas que tiveram essa idéia maravilhosa de promover esse encontro e todos que colaboraram.

Espero que todas as pessoas que participaram desse encontro tirem proveito para poderem dar mais de si para as crianças.

Rita - Campinas

Quando fui convidada para esse encontro aceitei, mas logo imaginei que os três dias seriam de estudo de texto e discussão dos mesmos.

Fiquei surpresa no 1º dia porque não teve nada disso. E assim os outros 2 dias.

Me senti como se estivesse no meio em que vivo na minha cidade. O relacionamento foi fora do comum. A abertura foi total. Eu que não gosto de falar senti necessidade.

O meu grupo foi o de sexualidade. Foi excelente. Abriu muito a minha cabeça. Gostaria que um encontro desse fosse feito em Paulínia porque eu não saberia explicar às colegas a beleza de tudo que aconteceu.

Fico muito agradecida à equipe do encontro e ao pessoal de Piracicaba que foi super hospitaleiro!!!

Até breve e...

Quando o sofrimento vier ao seu encontro, deixe cair dos olhos uma lágrima, dos lábios um sorriso e do coração uma prece, pois a suprema coragem da vida é SORRIR quando se quer CHORAR.

Maria de Fátima Topan –
Paulínia

A alegria, a animação, o sorriso no rosto de cada uma de nós mostrou como foi importante, e sobretudo gostoso, este encontro, esta troca de experiências, de vivências.

Um abração,

Cecilia

Um encontro precisa de abertura. E amor.

Todas as trocas são importantes. Que esse momento continue presente em cada uma de nós.

Um beijão para todas

Itamara

Foi importante eu acho para todos, pois cada um colocou todas as suas cargas.

Agora cabe a nós lutarmos pelos nossos direitos.

Tem mesmo que haver Abertura.

Abraços e beijos a todos vocês.

Regina – Valinhos

Este encontro foi de uma forma maravilhoso, espero que façam mais vezes e quero agradecer a hospitalidade de todos e deixo um abraço e já com muitas saudades desse pessoal maravilhoso de todas as cidades.

Um beijo para todas de

Dalcy – Sorocaba

Para mim este encontro foi maravilhoso, aprendi muitas coisas boas e amizades e quero agradecer a todos e a família que me hospedou.

Isaura – Capão Bonito

Em primeiro lugar gostei muito da cidade/ e das pessoas que ficamos / As merendeiras são ótimas./ As educadoras./ Gostei muito da Marina ela é incrível./ De todo pessoal do encontro./ As creches são lindas./ Adorei a hospitalidade dos

/ Agradeço cada um de vo-

cês./ Abraço jamais/ esquecerei de vocês e de muitas coisas que/ aprendi aqui.

Terezinha Rodrigues

Taquarituba

Adorei nosso encontro de profissionais de Creches, pois além de aprender mais um pouco sobre as crianças, conheci pessoas maravilhosas com trabalhos lindos que dão a vida para as crianças.

Ao povo de Piracicaba muito obrigado. Nunca vi gente tão simples, carinhosa e dedicada.

São oportunidades estas que devem ser incentivadas. É o encontro entre as pessoas que têm algo em comum em nosso caso – A CRIANÇA. Só assim podemos ter a esperança de fazer algo que realmente possa mudar as coisas que aí estão.

Obrigada por tudo.

Agueda Rizzato

Botucatu

Não existem soluções prontas para os problemas que encontramos no nosso trabalho. Porém num trabalho de conjunto encontraremos soluções possíveis. É esta certeza que levo deste encontro, e a esperança de que experiências como esta possam se repetir.

Cida – Mauá

Creio eu, que através desse encontro saíram várias soluções para problemas que até ontem estavam às escuras.

Todos deverão aproveitar o que aprenderam aqui, transmitindo às nossas

crianças que farão o Brasil no ano 2.000.

A amizade, a compreensão que teve nesse encontro, deve-se repetir em todo o espaço onde há ódio, raiva etc.

Deixo aqui o meu tchau, pois não digo adeus, porque sei que outras oportunidades surgirão!

Dalva – Cruz das Posses

Outros desses encontros deveriam ser feitos com maior frequência. A possibilidade de troca de idéias é imensa. É o momento que paramos para refletir e avaliar.

Abraços a todos

Lúcia Helena

São José dos Campos

Eu achei esse encontro muito legal, e ao mesmo tempo um pouco triste e bastante emocionante pois o pessoal tinha o mesmo objetivo que o meu e mudar esse governo que está aí, acabar com a corrupção é por causa desses pelego que não temos creche, pais de família virando ladrão por falta de empregos, crianças se criando em uma favela por falta de dinheiro e casas, não boa mas que a criança possa ter um lar sadio etc. Piracicaba é diferente pois o povo é quem comanda, o prefeito faz visitas, reuniões enfim ele é pelo povo e o povo vê o que tem que fazer o povo parte pra tudo junto com o prefeito. Olha meus irmãos não é só em Piracicaba que isso pode ser feito, em Osasco, SP, enfim, em todas as cidades, vamos acabar com o custo de vida, favela, marginalização.

E obrigada minhas companheiras desse encontro que tivemos aqui em Piracicaba. Vou chegar em minha cidade abafando o nome de todas vocês.

Agora eu acabei de achar uma nova família que jamais esquecerei de todas vocês. Somos uma família que estamos fazendo coisas iguais, lutando pelo bem estar da criança e da população da grande S. Paulo.

Deixo aqui meus sinceros abraços e agradecimento.

Sem mais,

Vera Lucia Santos Silva

O encontro foi ótimo. Deve haver mais encontro. Gostei muito das pessoas que conheci aqui.

Foi mesmo uma coisa maravilhosa./ Gostei muito da Creche./ A refeição estava ótima./ Gostei de tudo que foi discutido./ A hospitalidade foi muito boa./ Agradecemos a colaboração da Prefeitura./ Podemos levar muita coisa boa./ Gostei muito de Piracicaba./ Agradeço e espero voltar outro dia./ Adeus./ Já estava chegando a hora de ir./ Venho aqui me despedir e dizer/ Em qualquer lugar onde eu andar/ Vou lembrar de você./ Só me resta agora dizer Adeus e Depois o meu caminho seguir./ O meu coração aqui vou deixar./ Não ligue se agora eu chorar./ Mas agora/ Adeus.

*Amélia Aparecida Miguel
Astoufe
Batatais*

Achei Piracicaba uma cidade muito interessante,

hospitaleira, uma coisa incrível.

Dalva - São Paulo

Nosso encontro foi sensorial, tive vários conhecimentos./ Levarei uma grande recordação da Pessoa Maravilhosa Marina, não/ tem como descrevê-la. Marina você é ótima, espero nos encontrar ainda./ Pessoal da Fundação./ Nossa, que gente maravilhosa./ Regina, Fúlvia, Elvira, vocês são incríveis, espero que esses nossos encontros aconteçam sempre, para nos conhecermos melhor./ E que vocês também vão até nossa Creche./ Cecília, espero que você possa levar suas idéias até nossa creche em S. Paulo. Gente, obrigado por tudo./ Um Abraço,

*Lindinalva
Jardim Catanduva*

Eu achei espetacular este encontro./ Conheci novas colegas, pudemos dar e ter idéias./ Como é a realidade de fora da nossa cidade./ Achei que a minha cidade "Piracicaba" dão um pouco mais de valor pra nós monitora recebermos um salário mais humano do que o delas./ É com o coração partindo, que já nós deixam saudades das horas que estivemos juntos que fica meu grande abraço não um Adeus, mas sim, uma lembrança pra nós nos comunicarmos em cartas.

*Marta Moraes Rodrigues
de Castro
Piracicaba, Jaraguá*

Achei bacana demais este encontro e principalmente a simpatia e hospitalidade desse pessoal de Piracicaba juntamente com as colegas de toda parte meu agradecimento a todas e se tiver outra oportunidade, participarei com todo prazer.

*Clarisse Rosa de Moraes
Pilar do Sul*

Depois de 11 anos de trabalho em creche, esta foi a primeira vez que tive oportunidade de participar de um encontro sobre o meu trabalho. Gostei muito da experiência e pretendo quando tiver novos cursos, poder participar. Quero agradecer primeiramente ao pessoal de Piracicaba pela hospitalidade e as coordenadoras, colegas e todas que direta ou indiretamente colaboraram para minha participação. O meu muito obrigado.

*Alvacir Ferreira Grillo
Campinas*

De encontros assim precisamos sempre para cada vez mais, abriremos nossa cabeça em relação ao trabalho com a criança e com a nossa própria vida.

De tudo que aqui se viu e ouviu esperamos que cada pessoa consiga filtrar e adaptar as informações transformando-as em *formação* para vivência menos conflitante com sua realidade profissional e pessoal.

A todos que participaram, direta ou indiretamente neste acontecimento um abraço muito afetuosos.

Iraci - Paulínia

Esse congresso foi uma coisa muito boa (...), foi o primeiro mas será inesquecível para mim.

Levarei lembrança de cada pessoa, todas são maravilhosas.

O pessoal da Fundação é incrível.

Adorei a hospitalidade das Piracicabanas são pessoas ótimas.

Agradeço a cada um de vocês. Mil abraços e beijos a todas.

Aparecida Putos

O encontro foi ótimo. Deve haver mais encontro. Gostei muito das pessoas que conheci aqui./ Foi mesmo uma coisa maravilhosa./ Gostei muito da creche. A refeição foi ótima. Gostei muito do que foi discutido./ A hospitalidade foi muito boa./ Agradecemos a colaboração também da Prefeitura./ Podemos levar muito coisa boa./ Gostei muito de Piracicaba./ Agradeço e espero voltar outro dia./ O meu coração aqui vou deixar./ Não ligue se acaso eu chorar./ Mas agora./ Adeus.

*Neide Oliveira Ladislau
Altinópolis*

Aqueles que ficaram/
Uma saudade/ Para os que foram/ Uma esperança/
Uma amiga

Sueli